

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

É possível um jornalismo independente? *Caros Amigos*, um capítulo singular da história da imprensa

LUCIANA ALMEIDA DAS CHAGAS¹

Na década de 90, enquanto os grandes veículos de informação preferiam não se manifestar contra a política neoliberal, surgia a revista *Caros Amigos*. A intenção de Sérgio de Souza, criador e editor-chefe, era constituir uma alternativa à grande imprensa.

*Caros Amigos*² estreou nas bancas em abril de 1997, com periodicidade mensal e circulação nacional, a cada edição trazia uma entrevista, um ensaio fotográfico, reportagens, colaboração de colunistas e a opinião dos leitores. Essa estrutura, em certa medida, se manteve até o início de 2008, quando Sérgio de Souza faleceu – em 25 de março.

O projeto nasceu em 1996 quando José Carlos Marão procurava jornalistas experientes e que haviam deixado as grandes redações por conta de seus primeiros fios de cabelos brancos. O objetivo era a produção de um impresso que respeitasse a inteligência do leitor e não fosse apelativo. As primeiras reuniões foram realizadas pelo próprio Marão, Juca Kfourir, Alberto Dines, Sérgio de Souza, João Noro, Matthew Shirts e o designer Hélio de Almeida. Depois de alguns encontros, mais um jornalista se juntou ao grupo: Roberto Freire.

O grupo buscava resgatar um jornalismo mais opinativo, com espaço para a reflexão do leitor. Na época de sua criação, Roberto Freire e Sérgio de Souza queriam uma revista na qual os jornalistas tivessem independência, pudessem escrever o que quisessem, da maneira que quisessem, mas com compromisso ético e inserção nacional. A publicação incorporou a filosofia de seus idealizadores e ganhou seu espaço no mundo do jornalismo como uma revista de esquerda, mas sem vínculos partidários.

Começamos a organizar a ação. O Sérgio ficou encarregado de preparar um número zero e eu fui em busca dos colaboradores. Não precisamos escrever e registrar oficialmente que “a ideologia da revista seria isso e isso”. Todos sabíamos qual era a ideologia do outro e que éramos caras de esquerda. Isso, claro, se refletiria na revista. E, desde o começo, eu sempre disse que não iria trabalhar para qualquer órgão de imprensa que fizesse algum tipo de política partidária. Se a gente não conseguisse dinheiro para sustentar a revista, eu achava melhor que ela fosse fechada (...) Foi uma tentativa de reedição do jornalismo da paixão, que a gente conseguiu fazer em Realidade. (PEREIRA Filho, 2004: 112)

¹ Jornalista, Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense e Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí.

² Na época lançada pela Editora Casa Amarela, após o falecimento de Sérgio de Souza em 2008, a Editora, mudou de nome, passando a ser Editora Caros Amigos.



A revista *Realidade* foi um marco na história da imprensa brasileira. Seus textos longos, as narrativas que proporcionavam o diálogo com o leitor, a compreensão e a repercussão de suas reportagens fizeram com que o jornalismo praticado fosse classificado como inovador. E foi a partir dessa inspiração que os realizadores queriam provocar uma mudança no jornalismo que vinha sendo produzido pela grande mídia naquela época.

Formatado

Formatado

Formatado

Caros Amigos é uma reunião de inteligências e talentos que andam espalhados por diversos meios de comunicação, alguns; e outros que estão marginalizados por todos os meios. Têm, esses talentos e inteligências, diferentes modos de pensar e interpretar a realidade, mas se identificam, todos, no ponto crucial: a ética, preocupação primeira desta revista mensal que estréia nas bancas do país inteiro com a intenção de discutir o Brasil e o mundo de hoje de um ponto de vista original, pelo menos no que se refere ao atual mercado de publicações. (CAROS AMIGOS, Ano 1, nº 1, Abril de 1997)

Poderíamos afirmar que os caros amigos estariam seguindo os passos de Jean Paul Sartre e fazendo da revista *Caros Amigos* um intelectual? Para o filósofo, intelectual “é alguém que se mete no que não é da sua conta” (SARTRE: 1994:15) e que também pretende contestar o conjunto de verdades recebidas e as condutas que nelas se inspiram em nome de uma concepção global do homem e da sociedade. Acreditamos que sim, assim como Norberto Bobbio (1997: 80) ao afirmar que “política é a esfera das relações humanas em que se exerce a vontade de potência, ainda que aqueles que a exercem creiam que a sua potência, não dos outros, seja empregada com o objetivo de produzir o bem”.

A tiragem inicial da revista - que foi idealizada em formato tablóide (33 x 27 cm), maior do que o tamanho convencional de outras revistas - foi de 50 mil exemplares, dos quais apenas 20.800 foram vendidos³. Mas em pouco tempo a *Caros Amigos* conquistou prestígio e uma imagem consolidada junto aos seus leitores. Sérgio de Souza declarou, certa vez, que o maior desafio da revista era manter a distância apropriada do poder, seja ele político-partidário, seja econômico:

nosso papel é o papel reservado ao jornalismo numa sociedade democrática, qual seja: informar, de modo a não apenas manter as pessoas a par dos fatos que ocorrem no cotidiano das cidades e países, mas, principalmente, tratar de interpretar o significado dos fatos mais relevantes, o que acaba por promover a consciência do leitor, espectador ou ouvinte, de forma a olhar o seu meio e o mundo com mais acuidade, maior capacidade de julgamento. (GLASS, 2007)

³ Os dados sobre a tiragem e vendagem inicial foram extraídos da *Caros Amigos*, Ano I, Nº 2, maio de 1997.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Nelson Traquina observa que a função do jornalismo é “ser um guardião dos cidadãos, protegendo-os do abuso de poder, e ser simultaneamente um veículo de informação para equipar os cidadãos com ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos”. (TRAQUINA, 2005: 190)

O jornalismo é aprendido como uma atividade profissional que tem como objetivo a apuração, a produção, o processamento e a transmissão da notícia através dos veículos de comunicação. É por si só uma atividade complexa que envolve debates polêmicos. A investigação é um procedimento básico e indispensável nesse ramo de atuação. Como exercer o jornalismo prescindindo da investigação? Se entendermos, por exemplo, a palavra investigação como sinônimo de apuração, percebemos que na prática do jornalismo é fundamental investigar/apurar.

Para Glasser (1991:205), no entanto, foram os excessos do jornalismo investigativo, juntamente com as experiências do *New Journalism*, que criaram o caos que abalou a autoridade jornalística. Assim ocorreu a tecnificação do jornalismo, modelo que nega ao leitor ferramentas para uma eventual compreensão da notícia. Segundo Alzira Alves de Abreu (2002: 22), seguindo essa mesma linha de raciocínio, a difusão da informática e os avanços na área das telecomunicações fizeram com que novas possibilidades de impressão e de registro audiovisual ocorressem em escala mundial, afetando a coleta da informação, a produção da notícia e sua distribuição. E “na transmissão da notícia, foi adotado um padrão de texto impessoal, seco, descritivo, rigoroso, no sentido de não expressar juízo de valor. Os comentários pessoais foram reservados apenas para os artigos e as colunas”. (ABREU, 2002: 30).

Assim se deu o processo de instauração do modelo hegemônico de jornalismo que se perpetua até os dias de hoje, e é defendido pelas grandes empresas jornalísticas. A notícia é por si só complexa, desde a produção até a recepção. Esse processo se inicia “numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas” (HALL, 1999:224). O jornalismo vivencia cotidianamente a escolha dos fatos que serão realçados e dos que não serão divulgados. Para tal análise, pode-se atribuir o conceito de “valor-notícia”:

é a atividade de transformar um acontecimento numa matéria acabada. Isto tem a ver com a maneira como um item é codificado pelos media numa forma de linguagem particular. [...] como cada jornal tem um enquadramento organizacional específico, um sentido noticioso e os leitores, assim também cada um desenvolverá

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

um modo de discurso regular e característico. Isto significa que o mesmo tópico, fontes e estruturas inferenciais aparecerão diferentemente mesmo em jornais com uma perspectiva semelhante, uma vez que as diferentes retóricas de discurso terão um efeito importante em modificar o item original. (HALL, 1999:232)

Em meio às diferentes formas do fazer jornalístico apresentadas pelos veículos de comunicação à sociedade, existem também distintas maneiras de narrar os fatos. Alfredo Vizeu (2007:225) utiliza o conceito de campo jornalístico tomando por base a construção da notícia como representação social da realidade. A versão apresentada possibilitaria o acesso da sociedade ao “mundo dos fatos” a partir das normas de noticiabilidade⁴ definidas pelas mídias, além dos critérios de escolha para veicular uma notícia em prol de outra. Para Hall (1999: 225),

os valores-notícias fornecem critérios nas práticas do jornalismo que permitem aos jornalistas, editores e agentes noticiosos decidir rotineira e regularmente sobre quais as “estórias” que são noticiáveis e quais não são “estórias” que merecem destaque e quais as que são relativamente insignificantes, quais as que são para publicar e quais as que são para eliminar.

Os valores-notícias são quase sempre estabelecidos em parceria pelo campo jornalístico e também pelos outros campos. Eles são definidos a partir das interferências ou não-interferências, pois a notícia pode perder o seu valor. Os veículos de comunicação não expõem os critérios de escolha para a sociedade. O que leva a imprensa a veicular determinado acontecimento – ou versão?

Como Hall, entendemos que a notícia é um processo de construção social e os veículos de comunicação buscam a aceitação do discurso e da narrativa produzida. A fim de homogeneizar os diversos estilos existentes, a grande mídia impôs os seus manuais para o repórter, determinando, por exemplo, palavras que podem ou não ser escritas ou ditas. Essas normas impostas por alguns veículos de comunicação aos jornalistas foram classificadas por Cremilda Medina (2003) como parte de uma “gramática jornalística”.

O jornalista atua como mediador, registrando e analisando fatos a que o leitor não tem acesso. Essa função é sustentada por uma autoridade concedida pela sociedade para relatar e veicular os fatos.

O poder e a existência da imprensa são, assim, frutos das revoluções modernas, da preocupação com a construção dos direitos e deveres do cidadão, e

⁴ A noticiabilidade é a probabilidade que um fato tem de tornar-se notícia, a partir do conjunto de elementos controlados e produzidos pelas as empresas jornalísticas

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

*baseiam-se em uma conduta. Também inspirada no bem comum, na verdade e na lei, a imprensa reflete uma etiqueta / regra de conveniência. Esta, por vezes, se distancia de uma prática e das normas de um ofício acordado no direito à liberdade de expressão.*⁵ (KUSHNIR, 2004: 37)

As empresas de mídia pretendem tornar o trabalho do jornalista mecânico. Ali Kamel, Um dos expoentes do desse modelo hegemônico, afirma que “os jornalistas são treinados para discernir que fatos têm relevância e narrá-los e analisá-los de maneira lógica e isenta” (KAMEL, 2007). Como deveria ocorrer esse treinamento? Por acaso, os jornalistas seriam capazes de se libertar de suas vivências e experiências para exercer a profissão? Foi a partir desse “pensamento único” – em sintonia com a lógica mercadológica – que o modo de fazer jornalístico legitimado pelo campo tornou-se hegemônico.

No jornalismo, “os valores-notícias operam no sentido de possibilitar uma certa organização no *caos circundante*, tornando assim possível a *rotinização do trabalho*” (VIZEU, 2007). Assim, é a partir dessa contextualização que o jornalista-produtor lida com o inesperado e com a produção de matérias em quantidade. Este aspecto empreendedor de fazer jornalismo utiliza-se dos manuais das redações a fim de enquadrar-se no modelo hegemônico.

Campo jornalístico: limites e transbordamentos

A concepção de campo jornalístico é limitada. O que a extrapola não é considerado pelo modelo hegemônico. Bourdieu define campo jornalístico como o lugar de uma lógica específica, constituída por princípios de legitimação: o do reconhecimento dos jornalistas pelos pares e o da sociedade. O autor analisa os mecanismos próprios ao campo e o que chama de “efeitos da intrusão” - que são as influências que os outros campos exercem sobre o fazer jornalístico, gerando inclusive perda de autonomia do jornalismo.

O campo jornalístico é um espaço social estruturado, onde existe negociação na qual são notadas relações de desigualdade, mas é também lugar de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Assim como os outros campos está submetido a preceitos éticos, como a tradução da estrutura do campo através de uma pessoa que ocupa certa posição nesse espaço. (BOURDIEU, 1997:57)

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

O fazer jornalístico, especialmente o que é considerado como legítimo pelo campo, ocupa lugar primordial em nossa sociedade. Mas existem iniciativas independentes que provocam o *transbordamento* do campo jornalístico. A revista *Caros Amigos* é um exemplo, pois não segue as normas físicas e simbólicas estabelecidas pelo modelo hegemônico, por apresentar ao leitor um outro jornalismo, informando sobre a realidade tanto quanto o jornalismo tradicional.

Disposta a difundir um fazer jornalístico que transborda os limites do legitimado, a *Caros Amigos* criou um Anticurso de Jornalismo. Com o objetivo de apresentar os seus métodos de produção da informação, Mylton Severiano afirmou que a “*Caros Amigos* é a retomada, a continuação de tudo que nós sempre fizemos: jornalismo. Imprensa magra, pobre, com o que podemos fazer. Não por acaso tem pouco anúncio”.⁶ Ao explicar o motivo de sua coluna na revista intitular-se “Enfermaria”, entendemos a lógica do Anticurso: “se jornalismo é isso que a mídia gorda vem fazendo, então não sou jornalista, mas enfermo; ou, ao contrário, eu sou jornalista, e eles, enfermos”.

A primeira edição do Anticurso de Jornalismo da *Caros Amigos* – da qual participei – aconteceu em setembro de 2007 e foi ministrado pelos realizadores da revista, na redação da *Caros...*, em São Paulo. Todas as vagas disponibilizadas foram preenchidas. A maioria dos alunos era paulista, mas também estiveram presentes cariocas, goianos, mineiros e alguns poucos representantes das regiões sul e nordeste do Brasil. Os temas abordados foram a exigência do diploma, a grande mídia, o mito da imparcialidade, o ouvir os dois lados, o manual da redação, o repórter telefônico, a supressão de criatividade e as fontes. Objetivamente, ao expor os métodos de trabalhos empregados na produção da revista, explicitou-se uma pedagogia do transbordamento, ressaltando o quanto o fazer jornalístico praticado pela *Caros Amigos* difere do jornalismo produzido pelas grandes mídias.

As grandes corporações jornalísticas agem, muitas vezes, de acordo com interesses próprios. Segundo Bourdieu, o campo jornalístico, que representa as empresas, detém o monopólio dos instrumentos de difusão, a representação da expectativa da maioria (construída por demagogia comercial dos que têm os meios de se interpor entre os produtores culturais e a grande massa dos consumidores) e o monopólio da “opinião pública”. Desta forma, o campo

⁶ Aqui Milton Severiano se refere ao grupo de jornalistas que atuaram com ele na revista *Realidade* e em outros veículos alternativos. Todos os depoimentos, de jornalistas da *Caros Amigos*, foram retirados das palestras do Anticurso de Jornalismo realizado pela revista.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

jornalístico exerce efeitos sobre outros campos e vice-versa. É uma troca simultânea e constante (BOURDIEU, 1997). É nesse “campo de batalhas”, queremos ressaltar, que as narrativas jornalísticas são construídas. Martín-Barbero essa expressão para designar a relação dúbia que o jornalismo mantém com a sociedade.

A la vez que objetos de políticas, la comunicación y la cultura constituyen hoy un campo primordial de batalla: el estratégico escenario que le exige a la política recuperar su dimensión simbólica –su capacidad de representar el vínculo entre los ciudadanos, el sentimiento de pertenencia a una comunidad – para enfrentar la erosión del orden colectivo. (BARBERO, 2001: 70)

A comunicação mantém em seu campo elementos interferentes, além da sociedade que atua como receptora. Neste cenário, a comunicação autoriza a política a evidenciar sua presença e assim representa o vínculo perante os cidadãos. Essa interação entre campo e subcampo cria um pensamento dominante que não favorece a sociedade. Rossana Reguillo considera violento o discurso utilizado pela mídia neoliberal. E utiliza o termo *violências disciplinantes* para definir o conteúdo da mídia. Mas a autora ainda tem esperança.

El debate em torno a la ciudadanía es hoy día uno de los más vigorosos, tanto en los foros sociopolíticos como académicos, y ello se explica en parte, por la necesidad de re-nombrar un conjunto de procesos de incorporación y reconocimiento social que no se agotan en la pertenencia a un territorio, en el derecho al voto y a la seguridad social, sino que de manera creciente se articulan a la reivindicación de la diferencia cultural como palanca para impulsar la igualdad. Se debate ya una cuarta dimensión de la ciudadanía ‘la cultural’, dimensión que se ha hecho visible en las luchas políticas de minorías y excluidos de los circuitos dominantes, en donde el reconocimiento a la pertenencia a una comunidad específica, con los derechos y obligaciones que de ello se derivan, son la demanda central a la que se integran las otras dimensiones, sin anularlas ni contradecirlas. (REGUILLO, 2001: 73-74)

É possível enxergar as críticas de Martín-Barbero e Reguillo nas teorias de Bourdieu. Para este autor, o fazer jornalístico compreende notícias, sensacionalismo, objetividade, a busca pelo furo, a preocupação com o número de vendas ou audiência e a vigilância do trabalho alheio - que consiste na busca de uma cobertura quase idêntica entre os veículos de comunicação. O campo jornalístico está sujeito a vereditos, tendo em vista que vários e distintos campos - econômico, político, jurídico, religioso, científico, artístico entre outros - colaboram com o seu fazer. Sendo assim, o jornalista fica sujeito a aceitar interferências, pois depende da contribuição desses outros campos, isto é, utilizam entrevistas de especialistas para corroborar suas próprias afirmações. Desse modo, o fazer jornalístico reconhecido pelo

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

campo torna-se um cotidiano campo de batalhas, pois a prática da profissão recebe inúmeras interferências tanto no modo de produção quanto na construção narrativa

O jornalismo carece de depoimentos e muita apuração para produzir a notícia. Para Motta, a notícia é uma construção social, mas ela não existe enquanto acontecimento externo à percepção dos homens, isto é, do jornalista. Quando o repórter percebe o fato como notícia, ele parte para a compreensão deste acontecimento. Desta forma,

a notícia não é uma ocorrência que acontece no mundo “lá fora” e que se impõe enquanto acontecimento. Na verdade não existem acontecimentos, só percepções das ocorrências do mundo físico ou social [...] A notícia é um significado criado a partir da percepção de uma anormalidade relativa, assumindo-se que toda anormalidade é anormal em relação a algum tipo de ordem, quase sempre a ordem que aceitamos e vivemos. (MOTTA, 2002: 4)

Portanto, a notícia não é um texto objetivo que revela a verdade, como é estabelecido pelo senso comum. É apenas uma versão do fato acontecido, imbuída de subjetividades daquele que a construiu. Contudo, é a partir do pensamento dominante que o jornalismo unifica seus leitores / espectadores. É nos bastidores da notícia que se define o público-alvo que será alcançado por uma ou outra publicação.

Mas na prática jornalística são utilizados recursos tecnológicos e narrativas distintas para expor uma opinião. É diante de uma folha de papel em branco que o repórter se defronta com o fato, com suas próprias ideias e com o que público espera de determinado evento. Assim a notícia é construída. Os jornalistas apresentam à sociedade uma versão do acontecido. As técnicas utilizadas pelos profissionais da mídia já são uma ferramenta dessa autoridade que lhes é conferida.

Essa naturalização do “quarto poder” assenta-se, por sua vez, numa simplificação do princípio da objetividade, tomada aqui em seu viés positivista, traduzido na corriqueira ideia de que “os fatos falam por si”, e conseqüentemente escondendo todo o processo de produção jornalística - desde os critérios segundo os quais determinados fatos alcançaram o status de notícia até a maneira pela qual eles serão trabalhados. É claro que esse enfoque leva à condenação da subjetividade do jornalista como uma indesejada e mesmo antiética “interferência” na transmissão da informação. (MORETZSOHN, 2007:119)

A simples ação do jornalista já interfere no processo de interpretação da notícia, sendo assim identifica-se mais um complicador na realidade dos profissionais de comunicação: a subjetividade jornalística. A cobertura jornalística é feita pelos veículos de massa, são

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

compostos por uma gama de profissionais de comunicação, que não “podem” deixar de lado o emocional e o psíquico, sob o risco de comprometer a apropriação intelectual do objeto.

Seria mais leal da parte da mídia, e consecutivamente dos seus profissionais, assumir a opinião empresarial e pessoal de cada um dos participantes dessa produção. Seria um jornalismo mais honesto e que faria com que os indivíduos que compõem a nossa sociedade refletissem sobre as várias versões oferecidas. O que significaria dar um basta nesta fantasia de que o jornalismo é objetivo, isento, neutro e verdadeiro.

No momento em que decide ser jornalista, o indivíduo escolhe expor sua opinião, seu nome, e em alguns casos, a sua imagem para milhões de pessoas. É um universo incontrolável no qual o profissional de comunicação precisa administrar seu ego e sua emoção, mas nunca se omitir.

A autoridade que a mídia lhe confere representa um imenso poder. Seria fundamental que diversas leituras fizessem parte do fazer jornalístico, no intuito de ampliar a compreensão dos significados de mundo trazidos para a sociedade através do profissional da mídia.

Mylton Severiano, que foi colaborador da *Caros Amigos* desde a sua primeira edição, classifica o jornalismo da revista como independente:

a diferença, para usar uma terminologia do historiador Nelson Werneck Sodré, está em que a grande imprensa é ‘subsidiada’ e a imprensa independente não. Assim, a mídia gorda não pode desconsiderar muito seus subsidiadores, tais como bancos e outras empresas.

A revista conta com pouquíssimos profissionais exclusivos. A maior parte da pequena equipe da revista tem um segundo trabalho. Além disso, *Caros...* tem colaboradores que não participam do cotidiano da redação. O vínculo que existe entre a Editora Caros Amigos e os profissionais por ela contratados nos faz lembrar a relação que existia entre os escritores e o jornalismo em seus primórdios. No início do século XX, os escritores exerciam a profissão de jornalista nos veículos de comunicação, mas não tinham o jornalismo como ofício principal, tendo em vista que o sustento advinha de outro trabalho. Os jornalistas que trabalham na *Caros Amigos* apreciam a possibilidade de trabalhar numa mídia que permite a liberdade na forma de fazer e escrever o jornalismo, apesar de não tê-lo como emprego principal. Para Renato Pompeu, um dos editores especiais da revista, essa liberdade se sobrepõe às deficiências da revista. Existe na redação da revista um sentido de equipe que não pode ser

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

desprezado, pois esse é o elemento chave para construção e compreensão do jornalismo da revista *Caros Amigos*.

Analisando a hegemonia do jornalismo contemporâneo, percebemos o quanto estamos distantes da busca de um outro jornalismo. A revisão das práticas jornalísticas reconhecidas pelo campo jornalístico se faz urgentemente necessária. Não é raro perceber que o modo de produção do jornalismo, em várias ocasiões, está impregnado por interesses pessoais, comerciais e empresariais. “O gosto pelo jornalismo investigativo infelizmente não se estende a todos os profissionais que labutam no dia-a-dia das redações. Até porque esta opção se sobrepõe ao jornalismo *light* adotado em alguns diários” (ARGOLO, 2000). Contudo, acreditamos que seja possível a construção e a aceitação de um outro jornalismo em nossa sociedade. E para tal, o ponto de partida seria exatamente a revisão do fazer jornalístico dominante das grandes mídias. Sendo assim, o resgate do jornalismo feito pela revista *Realidade* e especialmente o jornalismo praticado pela revista *Caros Amigos* podem contribuir para a revisão do fazer jornalístico hegemônico, para a concepção de um outro jornalismo, que sem dúvida, se feito com ética e transparência, contribuirá para uma sociedade menos desigual e mais justa.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Alzira Alves de. *A Modernização da Imprensa*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2002.
- ARGOLO, José A. Caminhos para a investigação jornalística. *Lumina*. Facom/UFJF – v. 3, n. 1, p. 17-32, janeiro/junho/2000.
- BARBERO, Jesús Martín. “De las políticas de comunicación a la reimaginación de la política”, *Nueva Sociedad*, Caracas, nº 175, setembro-outubro de 2001.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- GLASS, Verena. Aos 10 anos, *Caros Amigos* continua ícone do jornalismo progressista in *Carta Maior*. Disponível em:
http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=13925. Acessado em 10/01/2008.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

- GLASSER, Theodore. O jornalismo investigativo e a ordem moral. In: *Critical perspectives on media and society*. New York & London: The Guilford Press, 1991. p. 203-225.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997
- HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: O *muggin* nos media. In: TRAQUINA, Nelson. (Org). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1999. p. 224-262 p. 225
- IANNI, Otávio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- KAMEL, Ali. “O jornalismo” In. *O Globo*. Rio de Janeiro. 23/01/2007.
- KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda: jornalista e censores do AI-5 à Constituição de 1988.* São Paulo: FAPESP e Boitempo, 2004.
- MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente – narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.
- MEDINA, Cremilda e GRECO, Milton. *Planeta Inquieto: direito ao século XXI*. São Paulo: ECA/USP, 1998. p. 195
- MORETZSOHN, Sylvia. *Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *O trabalho simbólico da notícia*. XII Reunião Anual da Compós. Recife/ Pernambuco, 2002.
- PEREIRA Filho, Francisco Bicudo. *Caros Amigos e o Resgate da Imprensa Alternativa no Brasil*. São Paulo / SP: Annablume, 2004.
- REGUILLO, Rossana. “Cuatro ensayos de comunicación y cultura para pensar lo contemporáneo”. *Oficios Terrestres*, n°9-10, Universidad Nacional de La Plata, Argentina, 2001.
- SARTE, Jean Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2005.
- _____. (Org). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1999. p. 224-262
- VIZEU, Alfredo. O newsmagink e o trabalho de campo. In: LAGO, Claudia & BENETTI, Marcia. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007. p. 223-236

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL